

ISSN 0104-7183

1 ANO 1
NÚMERO 1
1995
REVISTA
TEMÁTICA
SEMESTRAL

Horizontes Antropológicos

GÊNERO

NÚMERO ORGANIZADO
POR CLÁUDIA FONSECA
E MARIA NOEMI BRITO

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

1995

Porto Alegre, RS - Brasil

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanas

SILVA, Hélio R. S. *Travesti, a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, Relumê-Dumará, 1993, 176 p.

Denise Fagundes Jardim
Professora de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Silva tem chamado a atenção de leitores sedentos por leituras fluídas e envolventes em antropologia. O autor apresenta-nos uma etnografia que tem a Lapa no Rio de Janeiro como universo de pesquisa tomado como um espaço social, um território boêmio. Neste território encontra e delimita o grupo investigado, os travestis. Exatamente na perplexidade produzida nos leitores que é necessário e importante deter-nos.

A delimitação deste estudo envolve diferentes reflexões úteis ao trabalho etnográfico. Somos alertados para preocupações, que não dizem somente respeito a princípios humanitários, mas que expressam reflexões teórico-metodológicas produtoras do trabalho de campo e do texto etnográfico. Questões pertinentes como a relação constantemente evocada entre travestis e sociedade abrangente e a indicação dos perigos de exotização ou folclorização dos pesquisados.

As relações entre travestis e sociedade abrangente não são simplesmente anunciadas. Os jornais, personalidades famosas na mídia (Rogéria, Roberta Close), filmes produzidos nos últimos anos (*Traídos pelo desejo*, *Vitor ou Vitória*) poderiam ser suficientes para dar a “moldura” de onde estão os travestis e como são referidos. Os travestis da Lapa, no entanto, são trazidos ao texto em suas redes de relações, os donos de bares, depiladoras, policiais, os “curiosos”, o pesquisador. A descrição etnográfica recupera o fato de que os travestis estão no cotidiano da Lapa, do Rio, na mídia, e não à parte.

O autor inicia mostrando a sobreposição entre a Lapa e a boemia. Versões que indicam uma malandrização da Lapa em diferentes momentos históricos. Não por acaso estas referências delimitam o universo, pois tem por hipótese que “O malandro, como se viu, é sobretudo definido pelo vestuário agramatical, como o travesti.(...)isto é, o travesti, socialmente, é uma transformação do malandro”.

Organiza o livro em três partes: tarde, noite e manhã. Cada turno tem um investimento, uma especificidade, um ciclo natural cosmológico. Pela “tarde” situa o reconhecimento do universo dos travestis, de suas redes de relações e preocupações, formas de apresentação corporais, aspirações. “noite” descreve o ritmo da “batalha”, as estratégias de abordagens, os clientes, os imponderáveis no trabalho na calçada. Pela “manhã” esmera-se na tentativa de revelação, onde despedidos de sua maquiagem, de sua produção o autor busca situar o travesti, recoloca a questão: produzidos e produtores de si em diferentes momentos históricos, quem são eles? Parece ser somente pela manhã que pesquisador e pesquisados saem de sua embriaguez. Para os travestis passou-se o imprevisível da noite, do contato com a calçada, a rua, os carros, as artimanhas em lidar com “outros” tão diversos. Para o pesquisador é um momento onde pode tentar ver o que há por trás das máscaras e o susto de encontrar tão somente máscaras.

Adquirem em texto a imprevisibilidade dos acontecimentos cotidianos em suas paixões, obsessões e estratégias. Um trabalho que é tão obsessivo quanto o dos próprios

travestis em produzir sua feminilidade. Preocupado com o tratamento possível e justo aos pesquisados, há uma pergunta que sai de foco e retorna constantemente, afinal “quem são eles?”. Definição por vezes inviabilizada por tantas ponderações, diferenças de gerações, de questões que entrecruzam as vidas dos travestis, os desejos e mentiras diversas. Conclui com a definição do fenômeno do transvestitismo como uma transcondição. Soa ao leitor uma última fuga da definição para em seguida parecer absolutamente plausível.

Se, somente pela “manhã”, o autor consegue emergir de tantos relatos, auto-definições momentâneas e artimanhas é porque critica a estigmatização cunhada em considerações psicosssexuais ou patológicas. De fato, “o principal trabalho do travesti é a correção de sua própria natureza”, ou seja, a fabricação de seu corpo. Fica-nos a evidência de que o corpo está sendo sempre modificado, em definição. Se esta transcondição não os situa em lugar algum, os situa diante de um gosto pela negociação ou condenação a viver “pelo truque”. Vive-se a dupla (ou tripla) condição, o masculino e feminino. Negocia-se insistentemente a condição, vive-se o jogo de espelhos. Negociações de papéis? Nem todos os papéis são possíveis quando a condição requer modificações corporais, silicone, cirurgias.

Este livro tem um duplo mérito e talvez resida aí parte da perplexidade provocada. É um texto produzido pelo autor imerso em explicações êmicas, sem entrar em rota de colisão com os pesquisados. Não perca de vista, por outro lado, os rodapés. Chamo a atenção aos pesquisadores de que neste livro tomamos contato com um produto altamente revelador do processo de trabalho de campo. As discussões em seminários, os *insights* de outros pesquisadores, estão presentes e nomeados no texto. Lendo os rodapés, pode-se aprender um pouco da dinâmica da criação sócio-antropológica necessária para levá-la ao bom termo. Rompe-se com, o que tem vigorado no texto etnográfico, a ilusão do “pesquisador solitário”.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Petrópolis, Vozes, 1994, 374 páginas.

Wladimir Ungaretti
Professor do Departamento de Comunicação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“O mais profundo é a pele.”

Paul Valéry

A Editora Vozes está colocando à disposição dos estudiosos dos fenômenos da modernidade mais um livro de Régis Debray. Estamos falando de *Vida e morte da imagem* em que o pensador francês propõe uma nova periodização da história ocidental, e, mais especificamente, lança importantes elementos para a construção da história do olhar. Este é o segundo livro editado pela Vozes desse autor. No ano passado chamou a atenção de um pequeno círculo o livro *Curso de midialogia geral*. Nenhuma relação com mídia.